



O ENSINO HÍBRIDO COMO ALTERNATIVA PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Rejane do Nascimento da Silva¹

Universidade Federal de Campina Grande, rejanengeo@gmail.com

Luiz Eugênio Pereira Carvalho²

Universidade Federal de Campina Grande, luizeugenio-carvalho@gmail.com

RESUMO

O ensino híbrido tem como objetivo experimentar novas técnicas de ensino e aprendizagem por meio do uso da tecnologia e de práticas integradas (presenciais e online), essas novas técnicas permitem ao aluno ser protagonista do seu aprendizado. O método alterna momentos em que o aluno estuda sozinho e em grupo quando interage com seus colegas e o professor. A elaboração deste trabalho surgiu juntamente com a experiência como professora de Geografia do Pré-Vestibular Solidário oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no qual fui desafiada a lecionar em uma turma que em sua composição continha quatro alunos surdos e o auxílio de uma intérprete. A partir da experiência enriquecedora para qualquer futuro professor, pude analisar e refletir a respeito da educação inclusiva de alunos surdos, este trabalho é resultado de uma das diversas reflexões a respeito da inclusão, tendo como principal objetivo propor uma alternativa de ensino inclusivo. O presente estudo é predominantemente bibliográfico, a discussão aborda o ensino híbrido como uma alternativa para a inclusão dos alunos surdos quando estes estão inseridos em uma turma de ouvintes e quando o professor não possui domínio da língua brasileira de sinais. Nosso propósito é refletir sobre como o ensino híbrido pode ser uma alternativa para a educação inclusiva de surdos, provocando a percepção de professores que se envolvam com essa discussão. Concluímos que o ensino híbrido é um método que pode ser implementado no ensino inclusivo, porém para sua implantação é necessário que ocorra uma reformulação na infra-estrutura educacional, modos de avaliação, formação de professores, práticas educacionais, entre outros. É necessário que também ocorra uma reelaboração da cultura escolar principalmente ao que diz respeito ao método tradicional de ensino que ainda está arraigado em nossa cultura.

Palavras-chave: Ensino Híbrido; Educação Inclusiva; Blended Learning

INTRODUÇÃO

O movimento de inclusão escolar contribuiu significativamente para o aumento do número de alunos com necessidades educacionais especiais inseridos no contexto comum de ensino, como exemplo podemos citar a inserção de alunos surdos (PEDROSO e DIAS, 2011). A licenciatura constantemente busca trazer à tona debates acerca de questões que envolvem o mundo da escola. Porém, a educação inclusiva ainda é um assunto pouco abordado na universidade em cursos de licenciatura, deixando assim uma lacuna na formação do futuro professor, não o preparando para a devida situação (FREITAS, 2008).



Segundo Mittler (2003) a escola inclusiva deve possuir duas características principais: a primeira consiste na flexibilidade às necessidades dos alunos e a segunda é que a escola deve capacitar seu corpo docente permitindo que estes ensinem a todos os alunos e não apenas aqueles portadores de necessidades educacionais especiais. É necessário que o debate sobre a educação inclusiva sempre esteja em pauta em discussões sócio-políticas, principalmente devido à diversidade de necessidades educacionais especiais, pois infelizmente ainda não temos um sistema educacional inclusivo que disponibilize professores aptos e materiais didáticos específicos, levando-nos a questionar-se se a educação para portadores de necessidades especiais é realmente de inclusão ou segregação (BOTAN e PAULO, 2014).

A elaboração deste trabalho surgiu juntamente com a experiência como professora de Geografia do Pré-Vestibular Solidário oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) no qual fui desafiada a lecionar em uma turma que em sua composição continha quatro alunos surdos e o auxílio de uma intérprete. A partir da experiência enriquecedora para qualquer futuro professor, pude analisar e refletir a respeito da educação inclusiva de alunos surdos, este trabalho é resultado de uma das diversas reflexões a respeito da inclusão, tendo como principal objetivo propor uma alternativa de ensino inclusivo.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo deste estudo optou-se por uma pesquisa com delineamento bibliográfico de natureza exploratória. A pesquisa exploratória possui um planejamento flexível, uma vez que possibilita a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (SELLTIZ et al; GIL, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nas últimas décadas a educação de alunos com necessidades educacionais especiais vem abandonando o modelo de atendimento segregado adotando o modelo de educação inclusiva, principalmente devido a difusão da Declaração de Salamanca, esta propõe que crianças e jovens com necessidade educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas devem se adequar (GLAT ; FERNANDES, 2005).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil (LDB, Lei 9394/1996) define a educação especial como a modalidade escolar para portadores de necessidades especiais de preferência na rede regular de ensino, promovendo assim a educação para todos (BARBOSA ;



VOLPINI, 2015). A questão da inclusão é utilizada como sinônimo para a integração de alunos com deficiência no ensino regular, porém diversos autores afirmam que:

“Inclusão não se refere somente às crianças com deficiência e sim à todas as crianças, jovens e adultos que sofrem qualquer tipo de exclusão educacional, seja dentro das escolas e sala de aula quando não encontram oportunidades para participar de todas as atividades escolares, quando são expulsos e suspensos, por razões muitas vezes obscuras, quando não têm acesso à escolarização e permanecem fora das escolas (FERREIRA, 2005, pág 43)”

Segundo Sánchez (2005) um dilema que merece ser compreendido é a integração versus inclusão, segundo ele, de início a atenção era dada a integração das pessoas com deficiência nas salas comuns de escolas regulares, porém foi perceptível que a integração não ocorreu, desta forma, a inclusão objetiva-se no desenvolvimento de uma educação eficaz para todos, evitando a violação dos direitos civis e do princípio da igualdade e cidadania. Sendo necessário considerar os seguintes princípios:

“ 1- O conceito de inclusão comunica mais claramente e com maior exatidão, que todas as crianças necessitam estar incluídas na vida educativa e social das escolas comuns, e na sociedade em geral, não unicamente dentro da escola comum; 2- O termo integração está sendo abandonado, já que implica que a meta é integrar na vida escolar e comunitária alguém ou algum grupo que está sendo certamente excluído. O objetivo básico da inclusão é não deixar ninguém de fora da escola comum. Incluir tanto do ponto de vista educativo, físico, como social; 3- A atenção nas escolas inclusivas centra-se em como construir um sistema que inclua e esteja estruturado para fazer frente às necessidades de cada um dos alunos. Não se assume que as escolas e salas tradicionais, que estão estruturadas para satisfazer as necessidades dos chamados normais ou da maioria, sejam apropriadas e que qualquer estudante deva encaixar-se no que tenha sido desenhado para a maioria. Pelo contrário, a integração desses alunos deixa implícita que realmente estejam incluídos e participem na vida acadêmica. Nessa perspectiva, destaca-se a responsabilidade da equipe docente da escola, já que tem que se acomodar às necessidades de todos e a cada um de seus alunos; 4- Assim mesmo, existe uma mudança com respeito ao delineamento de ajudar somente a alunos com deficiência. O interesse centra-se agora no apoio à necessidade de cada membro da escola (STAINBACK ; JACKSON ,1999 *apud* SANCHÉZ , 2005 pág 16).”

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados realizou no dia 04 de maio de 2016 uma palestra tendo como objetivo a discussão sobre a mudança no paradigma do

processo de aprendizagem, tendo em vista o baixo rendimento dos alunos pelo desinteresse na escola tradicional, a palestrante Lilian Bacich apresenta o Ensino Híbrido como uma proposta que poderá inovar a forma de ensino e aprendizagem. Segundo Brasil (2016) o ensino híbrido tem como objetivo:

“ Experimentar novas técnicas de ensino e aprendizagem, por meio do uso da tecnologia e de práticas integradas – presenciais e online -, essas novas técnicas permitem ao aluno ser protagonista do seu aprendizado. Também chamado de “*blended learning*”, o método alterna momentos em que o aluno estuda sozinho – em geral em ambiente virtual- e em grupo, quando interage com seus colegas e o professor.”¹

Ainda segundo a fala de Lilian Bacich, esta proposta envolve gestores e toda a comunidade escolar, “não é a tecnologia que vai estar no centro do processo, mas sim o aluno. O aluno pode até achar interessante, mas, se o seu entorno, a sua própria família, compreender aquilo como aprendizagem, ele vai aproveitar melhor” (BRASIL, 2016).

O ensino híbrido é dividido em duas categorias: os modelos sustentados e modelos disruptivos. Segundo Silabe (2015) apenas os modelos sustentados são possíveis de serem aplicados diante da realidade brasileira, que são: rotação por estações, laboratório rotacional, rotação individual e sala de aula invertida.

O modelo de rotação por estações assemelha-se a proposta “cantos temáticos” utilizados na educação infantil, para Barbosa e Volpini (2015) os cantos temáticos devem ser estimuladores, possibilitando que a criança se expresse, brinque e desenvolva sua autonomia. Nestes espaços a criança escolhe se quer brincar sozinha ou em grupos e cada espaço possui uma temática. Seguindo o modelo de rotação por estações, pelo menos um desses “cantos” deverá ser de trabalho online, os alunos cumprem um determinado tempo em cada estação, vale salientar que as estações são independentes (SILABE, 2015).

O segundo modelo é o laboratório rotacional, possuindo dois ambientes: laboratório computacional e outro espaço a ser determinado pelo professor, os dois momentos são independentes e há um tempo estipulado de permanência em cada um. O terceiro modelo denominado de rotação individual é bastante semelhante ao modelo de rotação por estações, difere apenas devido ao fato de que cada aluno terá um roteiro personalizado de acordo com o seu nível de aprendizagem. O modelo sala de aula invertida auxilia bastante o

¹ Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/508122-ESPECIALISTA-DEFENDE-INTEGRACAO-DE-ENSINO-PRESENCIAL-E-ONLINE-PARA-PERSONALIZAR-EDUCACAO.html> > acesso em: 27/08/2016.



desenvolvimento da autonomia do aluno, é composto por três momentos: primeiro, o aluno estudará o conceito que será visto antes da aula, no segundo momento é em aula e o aluno usará o conceito previamente aprendido ajudando na construção da aula com a professora e os demais alunos, no terceiro e último momento os alunos aprofundam o que foi dado em sala em um outro local (SÍLABE, 2015). A adoção do ensino híbrido exige que elementos do cotidiano escolar sejam repensados, o tempo na escola, organização da sala de aula e elaboração do plano pedagógico constituem esses elementos (SASSAKI, 2015).

Um dos principais desafios que tem chegado às salas de aula de qualquer nível de educação são as pessoas portadoras de necessidades especiais, principalmente com necessidades mais complexas, como a surdez, a cegueira e até com comprometimentos mentais. As instituições ainda não são efetivamente preparadas para lidar com estas diferenças, e muitas vezes até os próprios companheiros de sala os rejeitam (CASTRO et al, 2015).

Com relação aos alunos surdos Dorziat (2004) considera que a inclusão de surdos é um pouco mais complexa, pois,

A recomendação de inclusão tem levado em conta sua forma de comunicação: a língua de sinais. Entretanto essa fica restrita ao intérprete e ao surdo, desconsidera a interação com o professor e com os demais colegas, a importância das relações humanas, dos processos de formação de identidade e do estabelecimento de conexão entre os conteúdos escolares e as formas (visuais) de apreensão e de construção de conhecimentos. Tratar sobre inclusão sem considerar as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos e de sua participação, como cidadãos, não passa de retórica. Tratar sobre inclusão significa levar em conta os diferentes modos de vida, que vão desde as condições materiais até as formas de organização presentes em cada grupo. Assim, falar sobre um surdo abstrato, como se essa palavra pudesse dizer tudo desse ser humano, remete à uma hierarquização clínica, orgânica (DORZIAT, 2004, PÁG 1).

Moran (2015) enfatiza que, a escola padronizada a partir do momento em que ela avalia todos os alunos da mesma forma ela desconsidera que cada pessoa possui competências cognitivas, sociais e pessoais diferentes. O ensino híbrido neste caso pode ser uma alternativa para a inclusão do aluno surdo, pois este método é mais flexível, possibilitando uma formação que pode ser aplicada a todos e ao mesmo tempo, e além disso, permite que seja atendido a necessidade de cada estudante (CASTRO et al, 2015).



O Ensino Híbrido também assemelha-se com o modelo de educação centrado no aluno, proposto pelo Psicólogo estadunidense Carl Rogers, e também utilizado pela Escola da Ponte em Portugal. O aluno neste modelo torna-se bastante ativo no processo de aprendizagem, enquanto o professor passará a ser apenas um facilitador desta aprendizagem, diferente do processo de ensino tradicional. O ensino híbrido não é somente caracterizado pelo uso de tecnologias e games que promovam algum tipo de aprendizado. Segundo Castro et al (2015) ele pode ser caracterizado por um currículo flexível permitindo que as necessidades de qualquer estudante seja atendida, também pode ser caracterizado pela educação em redes, onde há a integração de diversos conteúdos e áreas.

Este modelo de ensino pode ser usado na inclusão não somente de alunos surdos, porém, a educação de surdos geralmente fica mais restrita ao aluno e intérprete quando o professor não é fluente em libras, o ensino híbrido poderá facilitar a aprendizagem deste tipo de aluno além de promover a interação entre a turma. Apesar de ter lecionado em uma turma que em sua composição tinha quatro alunos surdos, não pude aplicar o ensino híbrido ao dia a dia das aulas, infelizmente devido a diversos motivos, os alunos acabaram desistindo do período letivo, e este trabalho vem como além de uma reflexão, uma sugestão a ser feita para a educação inclusiva de surdos.

CONCLUSÕES

Este estudo teve como objetivo apresentar o Ensino Híbrido como proposta de ensino inclusivo, caracterizado principalmente por propor a idéia de que o ensino e aprendizagem não possuem apenas uma única forma de serem realizados, ambos são contínuos, principalmente quando estamos falando de ensino inclusivo, no qual devem ser consideradas as dificuldades a serem enfrentadas pelo aluno.

O Ensino Híbrido propõe o uso de computadores em uma das etapas do ensino, desta forma, é necessário que ocorra uma reformulação na infra-estrutura educacional, modos de avaliação, formação de professores, práticas educacionais e etc. É necessário que também ocorra uma reelaboração da cultura escolar principalmente ao que diz respeito ao método tradicional de ensino que ainda está arraigado em nossa cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRO, E. A. *et al.* Ensino Híbrido: Desafio da Contemporaneidade?. **Períodico Científico Projeção e Docência**, Brasília, v.6, n.2, p. 47-58, 2015.

BRASIL – **Comissão de Educação realiza palestra sobre o Ensino Híbrido**. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/508122-ESPECIALISTA-DEFENDE-INTEGRACAO-DE-ENSINO-PRESENCIAL-E-ONLINE-PARA-PERSONALIZAR-EDUCACAO.html> > acesso em: 27/08/2016.

BARBOSA, K. C. A; VOLPINI, M. N. A organização dos cantos temáticos na educação infantil. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro-SP, 2 (1): 13-24, 2015.

BOTAN, E.; PAULO, I. J. C. de. Ensino de Física para surdos: Três estudos de caso da implementação de uma ferramenta didática para o ensino de cinemática. **Experiências em Ensino de Ciências**, Mato Grosso, n.1, v.9, 2014.

DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular: inclusão ou segregação?. **Revista do Centro de educação**, Santa Maria- RS, v.2, pág 1-6, 2004.

FERREIRA, W. B. Educação inclusiva: será que eu sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?. **Inclusão – Revista da Educação Especial**, nº1, pág 40-46, out/2015

FREITAS, R. de. Ensino de Geografia e educação inclusiva: Estratégias e concepções. **Revista Urutáguá- Revista Acadêmica Multidisciplinar**, Maringá – PR, n. 14, 2008.

GIL, A.C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, R; FERNANDES, E.M. Da educação segregada à educação inclusiva: uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. **Inclusão – Revista da Educação Especial**, nº1, pág 35-39, out/2015.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, Educação e Cidadania: Aproximações jovens**. In: SOUZA, A. de S.; MORALES, v. 2, Proex/ UEPG, 2015.

MITTLER, Peter. **Educação Inclusiva: Contextos Sociais**. Editora: Artmed, São Paulo, 2003.

PEDROSO, C.C.A; DIAS, T. R. da S. Inclusão de alunos surdos no ensino médio: Organização do ensino como objeto de análise. **Nuances: Estudos Sobre a Educação**, Presidente Prudente – SP, v. 19, n.20, p. 134-154, maio/ago. 2011.



Sílabe, Desvendando o ensino híbrido, 2015. Disponível em
<<https://silabe.com.br/blog/ensino-hibrido-o-que-e/>> Acesso em: 20 de outubro de 2016

SASSAKI, Cláudio. Ensino híbrido: conheça o conceito e entenda na prática, 2015. Disponível em <<http://acervo.novaescola.org.br/blogs/tecnologia-educacao/2015/10/27/ensino-hibrido/>> Acesso em: 20 de outubro de 2016.

SANCHÉZ, P.A. A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos no século XXI. **Inclusão – Revista da Educação Especial**, nº 1, pag 7-19, out/2015.

